

A CIDADE E A PRAÇA Interações, práticas e atores sociais da Praça da Bíblia – ACD¹

Antonia Eliane Lobo Carneiro - UFMA

Prof. Dr. Jesus Marmanillo Pereira - UFMA

Resumo: A presente pesquisa trata da análise dos principais atores que compõe a dinâmica social e espacial da Praça da Bíblia na cidade de Açailândia-MA, especificamente os usos sociais praticados naquele espaço localizado entre a Rodovia BR 010 e o bairro Jacu. Partimos da hipótese de que é possível compreender a história e alguns aspectos da cidade por meio do estudo sobre as sociabilidades e as formas de uso do referido logradouro público. Neste sentido, nos valem de embasamentos teóricos fundamentados na Etnografia de Rua (ECKERT e ROCHA, 2001), nos estudos sobre praças empreendidos por Low (2005) e no conceito de centralidade (MCKENZIE, 1948 apud PEREIRA, 2016, p.2). Tais referenciais foram operacionalizados por meio do mapeamento dos principais atores sociais que ocupam a praça, bem como dos usos e práticas que eles desenvolviam naquele cenário. Assim, buscamos entender os comportamentos, sentidos e situações que possibilitam a existência do agrupamento de pessoas na Praça da Bíblia. Em termos metodológicos, realizamos uma pesquisa de campo de cinco meses, situados entre os anos de 2016 e 2018. Por meio desta foi possível estabelecer diálogos com os principais atores do lugar, realizar observações diretas e obter outras fontes que nos possibilitaram estabelecer algumas relações entre às interações e às práticas sociais desenvolvidas na praça e o próprio contexto da cidade de Açailândia-MA.

Palavras-chave: Açailândia. Centralidade. Etnografia. Praça da Bíblia.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar os principais atores que compõem a dinâmica social e espacial da Praça da Bíblia, na cidade de Açailândia-MA, mais especificamente os usos sociais que são desenvolvidos no referido logradouro, que está

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

localizado entre a Rodovia BR 010 e o bairro Jacu². Trata-se, assim, de uma pesquisa desenvolvida no âmbito da Sociologia urbana que toma as praças como parâmetro para a compreensão da cidade e de seus atores sociais, partindo da hipótese de que é possível compreender a história, as sociabilidades e as formas de apropriação e uso do espaço público de uma cidade, a partir da análise desses locais que geralmente são compreendidos como pontos de encontro.

Diante disso, um ponto de partida baseia-se na noção de Centralidade que conforme (MCKENZIE, 1948 *apud* PEREIRA, 2016, p.2) pode ser pensada em situações nas quais as comunidades urbanas são formadas, e quando diversos atores se reúnem e fixam uma espécie de base territorial que serve na determinação dos grupos, além de outra ideia, a de cotidiano, entendida aqui como algo produzido nas interações sociais que ocorrem dia após dia (GOFFMAN, 2013; SCHUTZ, 2012; WHYTE, 2005 *apud* PEREIRA 2016, p.2). Por esse caminho buscou-se delinear um perfil espacial do cenário e dos agentes que ocupam, vivem experiências, constroem percepções e dinamizam a praça, caracterizando assim, o objeto etnográfico da pesquisa.

Além dessas primeiras orientações, a presente pesquisa mobilizou autores especializados em praças como Low (2003; 2005) que ofereceu importante contribuição na metodologia e análise da relação entre espaços públicos e práticas sociais, e entre as Praças e o contexto urbano mais amplo; Pereira (2016a; 2015; 2015a 2015b), cujos estudos apontam para a existência de uma centralidade geográfica e histórica da Praça, e que ela também pode ser compreendida como espaço de interações e de relação com o “outro”. Foram considerados também os estudos metodológicos de Eckert e Rocha (2001; 2008), Magnani (1991) e Menezes (2011), cujo método etnográfico é a, grosso modo, focado na captação das práticas sociais e suas relações com a cidade

Para a presente pesquisa isso significou pensar a Praça da Bíblia dentro de um contexto mais amplo de formação e expansão da própria cidade de Açailândia, de considerá-la em relação aos bairros circunvizinhos e, também, tomando como referência as principais funções e características dos usos do referido espaço público. Assim, inevitavelmente, considerou-se muitas características da abordagem micro social desenvolvida por Setha Low para compreender as práticas sociais desenvolvidas naquele

²É importante frisar que o interesse pelo estudo surgiu inicialmente da relação pessoal com o espaço, por ser moradora há 23 anos do bairro Jacu, que faz divisa com o cenário, despertando a curiosidade em compreender as relações que são desenvolvidas no local. Por outro lado, tal pertencimento exigiu um esforço de afastamento e desnaturalização do “olhar” e de percepções sobre as situações, atores e histórias com os quais possuía contato cotidiano.

lugar. Em viés bastante próximo, levou-se em conta os estudos de Certeau (1998) que também percebe a cidade como lugar das práticas urbanas e que não pode ser apreendida em sua totalidade, mas por meio da análise das “práticas microbianas, singulares e plurais que um sistema urbanístico deveria administrar ou suprimir e que sobrevivem ao seu perecimento” (CERTEAU, 1998, p.175).

Um ponto comum em todos os estudos citados até então, foi a utilização do método etnográfico aplicado à realidade urbana que conforme Eckert e Rocha (2001), é fundamentado na relação direta do pesquisador com o objeto de estudo, possibilitando extrair das observações realizadas, as práticas dos indivíduos que compõem o cenário, de modo, que, o observador possa reconstruir sua visão sobre o espaço, permitindo novas vertentes de abordagem.

E a partir de tais bases referenciais deu-se início a pesquisa em campo perdurando cinco meses, entre os anos de 2016 a 2018. Neste período foram coletadas informações por meio da observação direta e no sistema adotado foram escolhidas pessoas que possuíssem mais de dez anos de relação cotidiana naquele cenário, desse modo, oito diálogos nos possibilitaram traçar cinco perfis de atores que se relacionam com (e/no) o espaço público, assim como a realização cento e trinta imagens, das quais quinze foram utilizadas, e quatro imagens cedidas pela Secretaria de Comunicação, sendo utilizado neste artigo apenas uma e um croqui fornecido pela Secretaria de Infraestrutura da cidade, foram inseridos no trabalho a fim de lapidar os relatos e apreender características dos atores que integram a Praça da Bíblia.

Nesse viés, a coleta de dados em campo foi realizada por meio de caminhadas, obtenção de fotografias, observação direta e conversações com os agentes que desenvolviam ações constantemente no local. Com isso, buscou-se mapear, conforme Pereira (2016, p. 2), os ocupantes da praça, as relações estabelecidas entre eles, às estratégias de uso e apropriação do espaço público e as principais características sociais deles. Pois por meio desse exercício foi possível captar a organização destes ao suprir suas necessidades, assim como a mobilização social que dão à praça e à própria vida.

As caminhadas iniciais realizaram-se ao longo de toda a praça, nos dois lados, Norte (Área 2) e Sul (Área 1). Porém, devido a sua grande extensão houve a necessidade de recorte de campo para obter melhores resultados, sendo assim, o trajeto escolhido para realização do estudo ficou limitado à parte Sul da praça (Imagem 8), sobressaindo-se devido o grande número de pessoas concentradas no local durante o tempo de realização da pesquisa.

A escolha de observar em dias alternados deu-se a partir das caminhadas esporádicas, onde foi possível verificar que o fluxo de frequentadores aumentava conforme o tipo de atividade desenvolvida no espaço, logo, os dias de terça e quinta foram escolhidos por serem realizadas as aeróbicas promovidas pela Secretaria de Ação Social do município no horário das 18 às 18:30h, quanto, aos finais de semana, foi devido o fluxo de comerciantes dentro da praça que geralmente trabalham com vendas de lanches e locação de brinquedos. Diante disso, os registros e horários de análise em campo foram fixados ocorrendo no horário das 17 às 20 horas nos dias de terça, quinta, sexta, sábado e domingo, a fim de seguir um sistema de procedimentos de observação das práticas sociais.

Para que chegasse ao perfil dos atores e características do cenário, o papel desempenhado pela observação direta foi responsável por fazer uma primeira classificação mais geral, e só depois das entrevistas e das conversas que se pôde obter informações e dados mais completos para pesquisa. É nesse momento que se identifica a atuação e participação de cada ator dentro do cenário, dando significado às práticas deles no local da praça, nomeando as diferentes maneiras de apropriação e chegando a tipos mais gerais que explicam os comportamentos e facilitem a compreensão da participação deles na dinamização do espaço.

AS PRAÇAS NA HISTÓRIA DA CIDADE DE AÇAILÂNDIA

Embora as Praças, sejam, geralmente, compreendidas como parte do espaço urbano utilizado para prática de diversas atividades de bem-estar social ao longo dos anos, podendo ser considerada um dos primeiros espaços físicos a proporcionar trocas culturais, sejam elas dos mesmos grupos ou grupos distintos, Partiu-se do pressuposto de que o cenário da praça não se delimita, ele se adequa a cada cultura e altera-se conforme o local e momento histórico. Assim, mais que um espaço público amplo, livre de edificações e que propicie a seus usuários diversão e convivência comum, as praças podem apontar as características de seus usuários, por isso servem como um importante ponto para a compreensão das dinâmicas sociais.

Nesse sentido, entende-se que a praça, assim como “a rua, é espaço público, lugar de encontrar o diferente, o estranho, sendo, portanto, suporte de muitas apropriações, espaço de reconhecimento e sujeito a negociações” diz (MAGNANI, 1991, p. 1), considerando isso e a grande circulação de pessoas no local é que o espaço se torna

referência na concentração de pessoas.

As trocas promovidas no espaço da praça pela interação com o outro, com o desconhecido, não seria possível na esfera privada, pois são transformações que ocorrem no ambiente compartilhado, criando um novo cenário, tornando-o híbrido, permitindo ações culturais essenciais promovidas pelos diferentes perfis dos atores sociais que comparecem ao local. Diante disso, a praça pode ser considerada símbolo do lugar, apresentando contradições e conflitos sociais, mostrando a sociedade em movimento.

É diante disso, que nas Praças de Açailândia nota-se uma centralidade histórica e social, pois as principais praças da cidade aglutinavam pessoas que estavam relacionadas com a própria história de expansão da cidade. Conforme a cidade se expandia as margens da Rodovia BR 010, eram formados os espaços de uso comum da comunidade da época. Diante disso, surgiram os primeiros espaços urbanos, como a “Feira do Mercado”, que mais tarde recebeu o nome de Praça do Mercado, tornando-se a primeira praça da cidade, que tem como característica principal, o comércio que é mantido até os dias atuais além de ser referência na construção da memória dos açailandenses, dado o fato de vários eventos da cidade serem realizados no local. Percebe-se, que os espaços que se tornaram Praças, inicialmente eram utilizados para comercialização de produtos no local, onde hoje é denominado de Centro da cidade.

“As disposições paisagísticas e espaciais da cidade refletem muito sobre os grupos que as reproduzem, em outras palavras, pode-se dizer que, toda vez que o homem toca determinado objeto, imprime nele a sua marca.” (PEREIRA, 2012, p. 27).

Na contextualização histórica sobre os primeiros pontos locais de concentração, faz-se necessário citar o Riacho Açailândia³ onde habitaram os primeiros moradores e o Café Kubitschek⁴ em que paravam os ônibus e outros meios de transportes, como primeiros pontos de concentração, seguido da Feira do Mercado que segundo documentos fotográficos em 1976 já existia, antes mesmo da emancipação da cidade, onde até então era distrito de Imperatriz-MA.

Antes mesmo de ser reconhecida como cidade, as Praças já eram elementos significativos na construção social de Açailândia, desempenhando papel importante ao ser

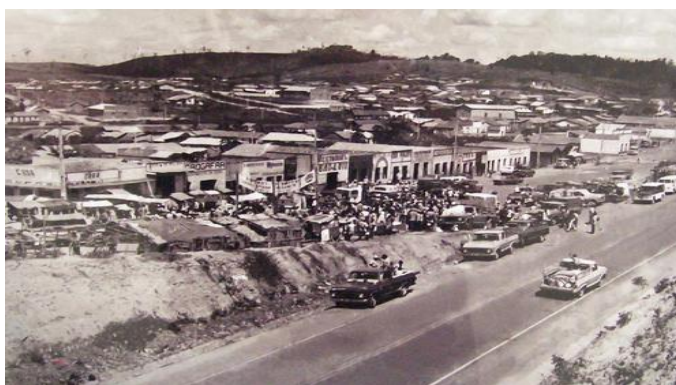
³NASCIMENTO Evangelista M. **Açailândia e sua história**. Ed. Ética. Imperatriz/MA. 1998.

⁴Idem, 2008, p. 20-21

um dos primeiros espaços urbanos. Neste contexto, a Praça do Mercado vem ser a de maior relevância para história da cidade, devido à centralização do comércio da época durante a construção da Rodovia BR 010 (Bélem-Brasília) e chegada dos primeiros habitantes. Foi um dos primeiros espaços de centralidade e de encontro da cidade, a qual desempenhou uma função econômica e, portanto, produziu aglomerado de pessoas que constantemente frequentavam o local e alimentavam um conjunto de interações cotidianas.

A fotografia abaixo demonstra a movimentação no espaço onde é possível observar os agentes sociais que dividem o local em passarela e ponto comercial com barracas dentro da feira. Desse modo, a relação comercial estabelecida pelo aglomerado que busca comprar, além das demais peculiaridades apresentadas a seguir.

Imagem 1 – Feira do mercado em 1976



Fonte: Secretaria de Comunicação de Açailândia

Na imagem pode-se observar em destaque o asfalto, sinônimo de desenvolvimento, assim apresentada na bibliografia da cidade que “trouxe, sem dúvidas o grande progresso, abrindo o caminho de uma nova civilização” (PRIMO, 1987, p. 01) logo, possibilitando o tráfego de automóveis apresentados na foto e outros estacionados na Rodovia. Vale destacar as pessoas que conversam às margens da rodovia transmitindo a ideia de ponto de encontro além da prática do comércio. Já na feira, nota-se os tipos de barracas que indicam flexibilidade, podendo ser montadas e desmontadas rapidamente, que devido a facilidade de manuseio é utilizada até os dias de hoje pelos comerciantes do local.

Predominando as características funcionais, sociais e históricas, a Praça do Mercado é compreendida como representação do comércio, característica mantida até os dias atuais conforme na imagem 2, com grande concentração de lojas comerciais e vendedores ambulantes no local, considerada uma Praça de Comércio, podendo ser

compreendida como um espaço central que caracteriza muito a memória e o cotidiano do cidadão açailandense, principalmente dos consumidores do centro comercial da cidade.

Imagem 2 - Praça do Mercado em Junho de 2018



Fonte: Do autor (2018)

As praças em Açailândia têm importância fundamental na expressão da sociedade, trazendo consigo características próprias dos grupos que a frequentam promovendo sociabilidade, e dando visibilidade. Além disso, tais espaços exercem o papel de uma memória pública vinculada às concepções do povo, assim como as formas que são inseridas e a interação entre os indivíduos, construindo significados para população, e assim, como o contexto histórico delas é de grande relevância para a pesquisa, conhecer o cenário e suas mudanças também, para que possam conhecer os seus significados na história do objeto pesquisado.

É a partir disso, que a Praça da Bíblia na cidade de Açailândia-MA, por proporcionar encontros, acontecimentos, práticas sociais e manifestações, tornou-se objeto desta pesquisa etnográfica, a fim de compreender as relações estabelecidas pelas práticas e experiências dos atores sociais que compõem e dinamizam o espaço, cabendo análise do cenário mediante as várias formas de uso e apropriação do mesmo.

3 A PRAÇA DA BÍBLIA: Cenário e Mudanças

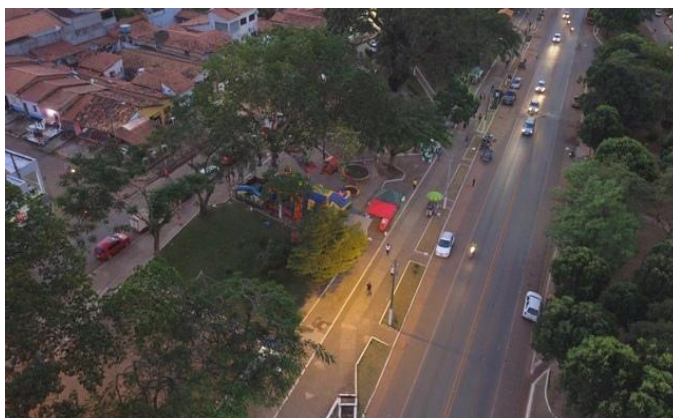
A Praça da Bíblia teve sua construção iniciada em 1999, durante a gestão do prefeito Gilson Freire de Sant'Anna, e foi entregue à população em 22 de dezembro de 2000 e que segundo Nascimento (2013) o plano inicial desse logradouro era vinculado às

necessidades da comunidade evangélica que necessitava de um espaço para a realização de suas práticas religiosas. Não podemos reafirmar essa relação entre o plano de construção da praça e os grupos evangélicos, contudo foi possível verificar a presença da igreja evangélica, e que realmente realizam atividades no referido lugar, como por exemplo, a montagem de tendas para a exposição de livros, comemoração de datas religiosas e pregações. Contudo, é importante salientar que outros segmentos religiosos também costumam ocupar aquele espaço público, como exemplo das tendas de livros espíritas e outras.

A própria ideia contida na denominação da praça remonta a concepção de centralidade que foi o ponto inicial desta pesquisa, surge propiciando um agrupamento de atores que buscam satisfazer determinadas necessidades no local, e por isso acabam estimulando processos de territorialização. Mas, antes de adentrar nesse nível microsociológico, convém ressaltar, primeiramente, aspectos do cenário e da relação da Praça com as áreas circunvizinhas e suas próprias mudanças, ao longo dos anos.

Assim, é importante salientar que não se trata de uma Praça central que surgiu dentro de um processo de colonização e fundação de cidades, mas de um lugar que representa um momento de expansão da área central da cidade no sentido do bairro Jacu, que foi construída entre à margem direita sentido Norte-Sul da rodovia 010 (Belém-Brasília) e a Avenida Bernardo Sayão.

Imagem 3 - Visão Aérea de Trecho com os Limites da Praça



Fonte: Do autor (2018)

Trata-se de uma área de 30 metros de largura, por 650m de comprimento, e que é composta por áreas verdes, pista de caminhada e equipamentos urbanos como bancos, quadras esportivas entre outros. Na referida imagem é possível verificar a BR-010 do lado

direito e as residências e rua do conjunto Jacu do lado esquerdo, caracterizando os limites da praça.

De maneira mais detalhada, verifica-se que essa extensão de 650m é delimitada no lado oeste pela Av. Bernardo Sayão e por seis quadras do bairro Jacu. Nessa extensão observa-se também uma série de mudanças, principalmente no fato das edificações voltadas para o lado da Praça possuírem suas características residenciais convertidas em comerciais.

Ao longo dessa Avenida Bernardo Sayão e seus 650m (delimitação oeste da Praça) verificou-se também sessenta e seis estruturas físicas, valendo ressaltar, que podem ter mais de sessenta e seis funções, tendo em vista que uma estrutura pode ser usada para mais de uma finalidade, e, portanto, concentra mais de um tipo de comercialização. De maneira mais detalhada observou-se a existência de vinte e nove residências sem vínculo comercial; doze residências com vínculos comerciais; vinte pontos comerciais dissociados do residencial; três igrejas; uma escola; uma clínica. Destaca-se neste cenário, um total de trinta e dois pontos comerciais, dos quais dezoito vendem lanches e comidas.

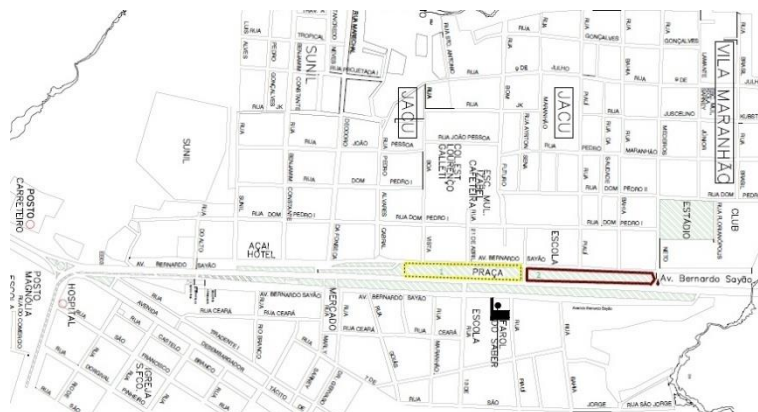
Dessas sessenta e seis estruturas físicas, vinte e sete encontram-se nas primeiras quadras onde foi delimitada a nossa área de observação, a qual foi denominada de área 1. Trata-se da área de maior concentração de pessoas. O local que representa aproximadamente metade dos 650m e bem menos da metade de residências, pois só possui 10 residências sem vínculo comercial. É o lugar que oferece 16 tipos de produtos alimentares, produtos para carro, entretenimento, entre outros, os quais possuem capacidade de gerar concentração de pessoas, principalmente no período noturno.

Dentro da Praça, nessa mesma região, existem quatro *trailers*, sendo que um deles é uma pastelaria e os outros três são sorveterias, além de uma Kombi que vende lanche. A presença dos vendedores ambulantes no local tem maior visibilidade à noite, concentrados às margens da Rodovia principalmente nos finais de semana, vendendo infinidades de produtos que vão de comida à locação de brinquedos infantis. Enquanto isso na área 2, que representa a outra metade da praça, verificou-se espaços de menor concentração, compostos por quadras de esporte, menor iluminação noturna que é citado em relatos de violência ⁵produzidos por pessoas que trabalham na área mais comercial do logradouro

⁵Disponível em <<http://jqnoticias.com.br/plantao-chico-sergipano-e-morto-a-tiros-proximo-a-praca-da-biblia-em-acailandia/>>. Acessado em 29 de junho de 2018 às 16:20. Disponível em <<http://inoticiama.com/noticias/4726/jovem-morto-a-tiros-em-a-ail-ndia>>. Acessado em 29 de junho de 2018 às 16:30. Disponível em <<http://www.amarcosnoticias.com.br/elemento-e-presos-vendendo-droga-na-praca-e-em-plena-luz-do-dia-em-acailandia/>>. Acessado em 29 de junho de 2018 às 16:40.

público. No mapa a seguir é possível ter noção do recorte estabelecido e das localizações dessas áreas.

Imagem 4 - Croqui com Delimitação do Campo para observação Direta



Fonte: Secretaria de Infraestrutura de Açailândia (2017)

Desse modo, nota-se que na área 1 (parte sul da praça) era onde se formavam os agrupamentos de comerciantes de lanches e brinquedos infantis, desportistas, transeuntes, motocistas, religiosos das igrejas próximas, entre outros. Foi verificado que naquela área as pessoas, de alguma forma, se relacionam com o comércio e com os serviços locais, principalmente no período noturno, quando ocorriam as situações de maior ocupação e uso do espaço público. Por conta disso, optou-se por delimitar a observação durante os períodos vespertinos e noturnos.

3.1 Centralização, Necessidades e Práticas Sociais

Seguindo as orientações de Certeau (1998) Eckert e Rocha (2001), e Pereira (2016) buscou-se apreender a Praça da Bíblia em relação a algumas trajetórias de alguns atores que fazem daquele pedaço da cidade, um local de interação e produção de práticas sociais que configuram o cotidiano local. Trata-se de perceber o lugar como espaço de manifestação das experiências, de significados, das redes de solidariedade que expressam centralidades, territorialidades e as maneiras como os atores inserem-se na trama maior da cidade. Utilizou-se também dos estudos de Mackenzie a respeito da centralização, que segundo Pereira (2015b) considera que os grupos e atores possuem características ecológicas, pois buscando satisfazer interesses como educação, diversão, trabalho e outros, acabam se concentrando em determinados lugares. Trata-se do processo pelo qual a comunidade se forma e fixa a base territorial. Dessa maneira, a centralização seria o

processo social que gera toda a concentração de pessoas na área 1, e que só pode ser compreendido por meio da análise das relações sociais estabelecidas entre os atores.

É nesse contexto de importância histórica e da relação prolongada com o cenário que apresentamos nossa principal informante da Praça, a Sra. Maria da Conceição Costa Pilar, 59 anos, natural de Grajaú, moradora do Bairro Jacu há mais de 20 anos, trabalha desde janeiro de 2001 na praça vendendo lanches sempre no lado que faz fronteira com a BR010. A mesma contou que quando começou a vender na praça, só era ela e um senhor que vendia pipoca, falecido em 2014. Quatro anos depois, veio o Sr. Antônio vender pastéis dentro da praça no lado da Avenida Bernardo Sayão. É da atividade desenvolvida dentro da praça que é retirado o sustento de sua família, realizado das 16:30h e às 23h, dependendo do fluxo da clientela

Imagem 5 - Cliente e Comerciante



Fonte: Do autor (2018)

Nosso segundo entrevistado foi o Sr. Antônio José Cruz, proprietário de uma pastelaria que está em funcionamento dentro do logradouro público desde 2005, mas que já vendia pastel na Avenida Bernardo Sayão desde 2003. Começando a atender os clientes a partir das 15 horas todos os dias o Sr. Antônio José Cruz conta com o apoio da filha Josiane Sousa e consegue gerar uma renda extra para família trabalhando das 15 às 23h há quinze anos.

A indicação do ponto comercial do Sr. Antônio pela Sra. Conceição, demonstra a importância quanto a representatividade histórica ocasionada pela presença no local há mais de dez anos. A relação cotidiana com o cenário remete a ideia de algo produzido nas interações sociais que ocorrem dia após dia, conforme (GOFFMAN, 2013; SCHUTZ, 2012; WHYTE, 2005 *apud* PEREIRA 2016, p.2).

Imagem 6 - Comerciante e Cliente

Fonte: Do autor (2018)

Assim como o que foi dito pela Sra. Conceição, existe o cuidado da esfera pública com o ambiente, representado no cenário por um membro da prefeitura municipal que se dirigiu até o local para orientar os comerciantes de dentro da praça na recolha dos resíduos produzidos pela venda de serviços ou produtos.

A maior expressividade se dá nos finais de semana quando em média dez barracas são montadas, já que durante a semana segundo as observações realizadas apenas cinco se fazem presentes no local.

No que se refere ao processo de apropriação e uso do local, este se inicia por volta das 17 horas onde são feitas algumas adaptações na estrutura elétrica ao utilizarem a energia pública do local. Com a chegada dos vendedores além das barracas que são montadas com uma armação parecida com andaimes cobertos por lonas verdes e azuis, são montadas as mesas e cadeiras. Tais fatos indicam as estratégias usadas no uso e nas relações sociais.

Imagem 7 - Montagem de Brinquedos

Fonte: Do autor (2018)

Imagem 8 – Barracas, Comerciantes e Clientes

Fonte: Do autor (2018)

As imagens 7 e 8, produzidas no dia 24 de junho de 2018 representam bem um processo e conjunto de relações desenvolvidas entre o final de tarde e noite na Praça da Bíblia.

Ao longo da pesquisa surgiram novos comerciantes no local entre a praça e a Rua Boa Vista e 21 de Abril, é o caso de um automóvel do modelo Kombi onde são comercializadas refeições como a típica panelada, lasanha, cachorro quente e outros. No dia 23 de junho de 2018 em diálogo com a proprietária Sra. Josinete Pereira, fomos informados que ela está no local há um ano e meio e que aquele trabalho surgiu como uma alternativa no contexto de crise financeira. Ao ficar desempregada e observar que naquele lugar havia muitas barracas e comércios, acreditou que poderia ser uma oportunidade de obter a renda família.

Imagem 9 - Lanchonete Itinerante



Fonte: Do autor (2018)

A situação da Kombi de venda de refeição sinalizam um processo de aumento do número de comerciantes no espaço da Praça que não pode ser dissociado de um fato estrutural relacionado à crise econômica, pela qual o setor da siderurgia de Açailândia, tem passado. Segundo o Cadastro Geral de Empregos e Desempregados (CAGED) ⁶ essa cidade apresentou um saldo negativo de 1.171 vagas de empregos em 2017.

Sobre essa relação entre uma crise econômica na cidade e as praças, Low (2005) explica que é possível notar que o crescimento da segregação espacial e alterações na estrutura de classe também podem ser observados nas mudanças dos usos das praças. Assim pode-se refletir que a situação de Sra. Josinete Pereira de que estaria ocorrendo um

⁶ Disponível em <<http://www.jornaldomaranhao.com/dos-217-do-maranhao-acailandia-foi-cidade-que-mais-perdeu-vagas-formais-em-2017/>> acessado em 27 de junho de 2018, as 23:00.

aumento no comércio da praça, pode estar diretamente relacionado ao contexto mais amplo de crise e falta de oportunidades no mercado formal, reforçando a ideia de que a praça pode ser compreendida como um espelho da sociedade.

Imagem 10 - Observação Distante



Fonte: Do autor (2018)

Imagem 11 - Observação Próxima



Fonte: Do autor (2018)

Em relação aos mototaxistas, foi realizado primeiramente uma observação voyeurística (PEREIRA, 2016) com certo distanciamento que possibilitou obter a imagem 10. Depois de algum tempo presente foi possível obter maior confiança e consequentemente uma maior aproximação, que resultou na imagem 11.

Conforme observado, o grupo se organiza com motos estacionadas em ordem pré-estabelecida de saída, voltadas para rodovia, geralmente, passam a maioria do tempo sentados nas motos, ou numa parte do alicerce da cobertura do ponto. O grupo dos mototaxistas tem ponto fixo de embarque dentro da Praça e são favorecidos pelo fluxo de pessoas que trafegam na praça e seus arredores, partilhando espaço com os comerciantes ambulantes, os quais ficam dentro da praça indicando assim, uma característica ecológica no que concerne às relações entre os atores e o espaço urbano.

Desse grupo foi possível dialogar com o Sr. Manoel de Aguiar Carneiro Junior, que é natural de Açailândia, morador do Bairro Jardim de Alah e que trabalha como mototaxista na Praça da Bíblia, desde o ano 2001 das 7 da manhã às 20h da noite. Ele explica que quando chegou não havia um ponto de embarque e que por isso emparelhavam as motos às margens da Praça na BR, onde ficavam embaixo de uma árvore, a barriguda⁷, por causa da sombra, porque antes tinham poucas árvores e fazia sol onde eles ficavam não é como hoje cheia de sombra, diz o Sr. Manoel. Ele relata que até os pontos comerciais

⁷Árvore de grande porte localizada no começo da extremidade Sul, que na verdade trata-se de um Pé de Sumauma, plantado em fevereiro de 1968 pelos senhores José Alves e senhora Ana Alves, moradores da cidade desde 1962 quando vieram do Espírito Santo (NASCIMENTO, 2013).

eram poucos e que o movimento foi aumentando com o passar dos anos. Assim, acha que o local pode ser considerado o melhor ponto para trabalhar, por ser uma praça que possui mais opções para atrair pessoas e gerar um movimento bom.

Além do uso para comércio a Praça também é ponto de encontro para a prática de caminhadas, corridas e exercícios funcionais (pular, correr, puxar, agachar, girar e empurrar).

Imagem 12 - Pessoas Correndo e Caminhando pela Lateral Oeste da Praça



Fonte: Do autor (2017)

Nesse viés, foram entrevistados dois desportistas que utilizam o local para prática de corridas e caminhadas. Na ocasião um dos entrevistados, Neldir Ribeiro, 32 anos, que mora a duas quadras da Praça, disse ter escolhido o lugar por causa da localização “por ser perto de casa é mais cômodo”, e pelo ambiente ser bonito e ter mais gente que faz caminhada. Ele disse ainda, que as barracas impedem as pessoas de caminharem porque alguns colocam no meio da praça, de qualquer jeito, e que fica muita gente, não tem como correr, e têm as crianças, além de ser perigoso, a gente correr e esbarrar em alguém e dependendo do horário não se pode caminhar por causa da quantidade de pessoas que ficam se esbarrando, além do fato que “Parece que todo mundo quer botar uma barraca na praça, tá tudo lotado de barracas e acaba que só valoriza o comércio e a gente que vem fazer caminhada fica desassistido”.

Imagem 13 - A Disputa de Espaço entre Comerciantes e Desportistas

Fonte: Do autor (2018)

Essa “luta” por espaço, relatada pelo informante, pode ser observada na imagem 11 que demonstra duas territorializações bem definidas de comerciantes no lado esquerdo e desportistas, crianças e transeuntes no lado direito. Seguindo as orientações de Low (2005), a autora diz que é possível pensar em diferentes planos e projetos para o espaço público, pois essas diferentes formas de uso representam diferentes concepções, itinerários e percepções do público. Concepção de apropriação privada do público, itinerários que passam pela experiência de desemprego e crise, ou de busca pelo equilíbrio físico e percepções que resultam dessas diferentes experiências e se manifestam nessas diferentes práticas no espaço público.

A situação de conflito de percepções traz a necessidade de se refletir sobre a função social das praças, seriam essas praças comerciais como as citadas por Park (1967) quando se refere à cidade moderna, ou seriam os locais de encontro com o diferente e “suporte de muitas apropriações, espaço de reconhecimento e sujeito a negociações?” (MAGNANI, 1991, p. 1). Considerando essas tensões de percepção do público, pode-se considerar a praça como o local onde os itinerários individuais entram em contato com outras possibilidades de projetos e planos que podem ou não seguir o mesmo sentido.

Ainda no mesmo ambiente, é possível falar dos usos e práticas realizados pelos grupos religiosos que usam o local para realização de eventos como o dia da Bíblia, hora do terço e o ponto de encontro da Marcha pra Jesus⁸entre outros no referido espaço. Durante a pesquisa de campo foi possível observar duas formas de apropriação realizadas por Adventistas e Kardecistas, conforme demonstram as imagens 13 e 14:

⁸Manifestação religiosa pelas ruas da cidade com a participação de todas as Igrejas Evangélicas do município, culminando com louvor, orações e shows gospel em palco montado na Praça do Mercado. Disponível em: <http://www.amarcosnoticias.com.br/um-mar-de-gente-lota-ruas-e-avenidas-na-5a-marcha-para-jesus-em-acailandia/>> Acessado em: 29 de junho de 2018, às 17:00 horas.

Imagem 14 – Adventistas



Fonte: Do autor (2018)

Imagem 15 Kadercistas



Fonte: Do autor (2018)

Foi observado que todas as manifestações e demarcações estavam relacionadas a determinados grupos que se valiam da característica de centralização da praça para buscar suprir determinadas necessidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se pensar a Praça da Bíblia como um conjunto de relações que dialogam entre si de modo natural, a partir do convívio, e isso se dá pelo compartilhamento no mesmo ambiente. Diante disso, o processo classificatório e o de identidade dos atores que constituem o espaço estão diretamente ligados ao papel desempenhado no local, e ao agrupamento de determinados serviços que buscam satisfazer o interesse de diferentes atores.

Nesse sentido, a Praça da Bíblia é escolhida pelos grupos que a compõe por causa do espaço agradável, centralidade de localização, pois a mesma localiza-se em uma Avenida, às margens da rodovia, em divisa com alguns bairros da cidade, sendo, portanto, um ponto fácil de chegada e de visibilidade às ações desenvolvidas e por isso, se integra à economia local, visto que a apropriação comercial nessa localidade surge como uma alternativa para as pessoas adquirirem renda, diante da crise econômica da cidade.

Visto isso, a importância do espaço físico no processo de dinamização do cenário foi fundamental, tendo em vista que a localização da Praça foi de grande relevância para que fosse fixada uma espécie de base territorial, podendo ser observada como a principal

responsável pela dinâmica no cenário em destaque. Considerando que a centralidade é pensada em situações nas quais as comunidades urbanas são formadas, e que quando os grupos se reúnem e estabelecem um vínculo territorial com o espaço que ocupam, dão suas características à paisagem, constituindo assim, um cenário híbrido.

Com base nos dados obtidos durante a realização da pesquisa, constatou-se que o perfil socioespacial da Praça ao longo dos seus dezoito anos foi dinamizado, a partir da chegada de grupos, como o dos comerciantes, que de acordo com as observações e informações adquiridas, é o grupo que interage com os demais grupos por estar cotidianamente no local. Como consequência da relação de convívio esse grupo tornou-se fixo no local, fazendo parte da paisagem e consequentemente interferindo na moldura do espaço a começar da dinâmica desenvolvida por eles na relação desenvolvida entre cliente e vendedor, dando novos significados à análise desse local, que geralmente é compreendido apenas como ponto de encontro, quando na verdade, não deixa de ser a representação das ações cotidianas dos agentes e das suas relações, sendo de grande importância para a sociedade açailandense.

Portanto, é possível compreender a história, as sociabilidades e as formas de apropriação e uso dos espaços públicos da cidade de Açailândia, a partir da Praça da Bíblia, por se tratar de um dos locais democráticos nos quais a sociedade tem acesso e faz diferentes usos conforme sua necessidade, física, espiritual ou fisiológica, não sendo apenas uma praça, mas um lugar rico em diferenças que se relacionam, demonstrando o movimento social que ocorre nele, e assim, transformando-o em lugar de sociabilidade e trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998. Disponível em: <https://gambiarre.files.wordpress.com/2010/09/michel-de-certeau-a-invenc3a7c3a2o-do-cotidiano.pdf>. Acesso 5 mai. 2018.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, A. L. C. **Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana**. Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2001. 25 f. (Iluminuras; n.44). Disponível em: seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9160. Acesso: 5 mai. 2018.

LOW, Setha. "**Transformaciones del espacio público em La ciudad latinoamericana**". *Enbifurcaciones* [online]. núm. 5, verano 2005. World Wide Web document, URL: <www.bifurcaciones.cl/005/Low.htm>. ISSN 0718-1132.

LOW Setha. **On the Plaza: The Politics of Public Space and Culture**. Austin: University of Texas Press, 2003.

MAGNANI, José Guilherme C. **A Rua Quinze, de praça a praça: um exercício antropológico**. PUC, São Paulo, 1991. Disponível em: nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/rua_quinze.pdf. Acesso: 15 mai. 2018.

MARMANILLO, Jesus. **A cidade na perspectiva durkheimiana: Notas sobre a modernidade e morfologia social. Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia**, v.1, n.2, p. 137-150, julho de 2017. ISSN 2526-4702. Disponível em: www.cchla.ufpb.br/grem/sociabilidadesurbanas/SocUrbs%20MARMANILLOartigo.pdf. Acesso: 22 mai. 2018.

MENEZES, Marluci. **Das metodologias visuais à uma perspectiva interdisciplinar de abordagem das práticas sociais**. XVI Congresso Brasileiro de Sociologia. Laboratório de Engenharia Civil. Curitiba. 2011.

NASCIMENTO, Evangelista M. **Açailândia e sua história**. Ed. Ética. Imperatriz/MA. 1998.

_____. **Maranhão, Açailândia e sua história**. Gráfica Brasil. Imperatriz/MA. 2008.703p.

_____. **217: Literatura, histórias, contos, crônicas e poesia de cordel para todas as idades e gostos**. Açailândia/MA. 2013. 960p.

PARK, Robert E. 1967. "**A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano**". In: Otávio G. Velho (org.). 1967. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 29-72. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000222&pid=S0104. Acesso: 15 mai. 2018.

PEREIRA, Jesus Marmanillo. **Muitos caminhos levam a Praça ou a Praça leva a muitos caminhos? Uma narrativa sóciohistórica a partir da Praça de Fátima Imperatriz, MA**. RBSE, v. 14, p. 73-86, 2015. Disponível em: www.cchla.ufpb.br/rbse/JesusArt.pdf. Acesso 23 mai. 2018.

_____. **O QUE SE VÊ E O QUE SE APRENDE: Educação e construção de identidades na Praça Mary de Pinho**. InterEspaço Grajaú/MA v. 2, n. 6 p. 253-272 maio/ago. 2016. Disponível em: www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/interespaço/article/viewFile/.../4158. Acesso 20 mai. 2018.

_____. **Cotidiano dos grupos na Praça de Fátima: aspectos ecológicos e interações face a face no centro de Imperatriz – MA**. Tessituras, Pelotas, v. 4, n. 2, p. 113-139, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/9889>. Acesso; 25 mai. 2018.

_____. **Uma Praça chamada Brasil: cotidiano urbano imperatrizense nos territórios da Praça**. Visagem. Belém, vol. 1, n. 2, p. 215-234, julho/dezembro 2015b. Disponível em: www.ppgcs.ufpa.br/revistavisagem/edicao_v1_n2/.../uma-praca...brasil/6_jesus_pdf. Acesso 25 mai. 2018.

_____. **Interações Fotoetnográficas: O “Eu” e o “Outro” na praça de Fátima - ITZ**. Iluminuras, Porto Alegre, v. 16, n. 39, p. 226-242, jan./ago. 2015a. Disponível em: www.repositorio-bc.unirio.br:8080/.../bitstream/.../Casa%20de%20Saúde%20Indígena. Acesso: 26 mai. 2018.

PRIMO, Ariel C. **Panorama Histórico de Açailândia**. 1987. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/acailandia>. Acesso: 24 mai. 2018.

VELHO, Gilberto. **“Observando o familiar”**. In: NUNES, Edson de Oliveira (org). **A aventura Sociológica: objetividade, paixão improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/.../VELHO%2C%20Gilberto.%20Observando%20o%20familiar>. Acesso: 23 mai. 2018.